

Circulando como filho: etnografando relações familiares através dos bastidores de uma empresa circense

Everton Rangel

Doutorando – PPGAS/Museu Nacional/UFRJ

Resumo

Neste artigo¹ descrevo tanto as características do vínculo maternal que tornou possível a minha pesquisa enquanto filho nos bastidores de um circo nos Estados Unidos quanto os vínculos que estabeleci em campo com as figuras que me queriam bem por quererem bem a minha mãe biológica, antiga dançarina do circo. Refiro-me, sobretudo, ao ex-namorado ucraniano de minha mãe, que foi considerado como meu pai. Isto aconteceu exclusivamente porque a minha presença neste lugar mobilizava afetos e contraprestações anteriores à existência da própria pesquisa. Dito de outro modo, interessa aqui cartografar poéticas atreladas ao fazer e desfazer de relações estabelecidas entre pessoas de diferentes origens nacionais, relações estas que passam a conformar uma família através de uma empresa transnacional. Busco forjar certa correlação entre moralidades, emoções e marcadores sociais da diferença, mais detidamente gênero, classe e nacionalidade/cultura, de modo a compreender como um “mundo comum” entre dois amantes, mãe e pai, pode persistir e então não mais.

Palavras-chave: Relações; Maternidade; Diferença; Emoções; Etnografia.

Abstract

In this article I describe the characteristics of the maternal bond that made possible my research, as a son, in a circus at the US. I am interested in the relations I set up on the field with the figures who cared about me because were caring about my biological mother. I am referring, above all, to my mother's Ukrainian ex-boyfriend who was regarded as my

1 Agradeço enormemente os comentários e as sugestões de Maria Elvira Díaz-Benítez durante todo o processo de pesquisa; de Adriana Vianna e Adriana Piscitelli na ocasião da defesa de minha dissertação de mestrado; de Raphael Bispo e Fabíola Cordeiro na Jornada dos alunos do PPGAS/2015; e ainda de Camila Fernandes nas tantas vezes que nos encontramos e discutimos sobre paternidade e maternidade.

father. This happened exclusively because my presence in this place mobilized affections and counter-payments prior to the existence of the research itself. In other words, what it is important here is to map the poetics of the making and breaking of relationships established between people of different national origins. These affective relations started to form a family through a transnational company. I seek to forge a certain correlation between moralities, emotions, and social marks of difference – more precisely, gender, class, and nationality/culture – in order to understand how a “common world” between two lovers, my biological mother and my classificatory father, could persist until a certain point.

Keywords: Relations; Maternity; Difference; Emotions; Ethnography.

Contratos produzem proximidades e distâncias

Pouco antes de despachar as minhas malas, encontrei uma antiga bailarina do circo,² Luana, bastante próxima à minha mãe. Aquele era o nosso segundo ou terceiro encontro. Ela tinha ido até o Aeroporto Internacional do Rio de Janeiro porque semanas antes havíamos combinado que eu levaria um presente para o seu quase ex-namorado chamado Robert, um músico estadunidense que trabalhava no circo. Sabia que o relacionamento estava em ruínas. Dentre os itens que compunham o presente, havia um álbum repleto de fotografias da viagem de Robert ao Brasil. Esperávamos que a lembrança desses dias pudesse reavivar afetos desbotados. O combinado era claro: eu deveria reportar a reação dele no momento da entrega. Assim o fiz. A notícia foi a esperada. Ele foi gentil comigo, mas não perguntou sobre ela. Somente meses depois, quando já estava de volta ao Brasil, especificamente durante um almoço na minha casa, Luana me contou que o namoro estava ainda mais próximo do fim. Nossos esforços tinham sido vãos em cumprir o seu objetivo último, isto é, em restabelecer laços; entretanto, nem por isso foram menos valorados. “Vamos ver no que dá” foi o que Luana disse no aeroporto entre feições de sorriso e dúvida. Deste ângulo, enviar um presente era um modo de conhecer o estado e as possibilidades da relação. Luana obtinha esse conhecimento não em um único gesto, o de ofertar, mas também em uma série de conversas e memórias. Nosso almoço foi senão um desses momentos: minha mãe e sua amiga digeriam os “términos” dos seus relacionamentos. Sair do circo foi para ambas deixar para trás namorados.

Tal como Luana, minha mãe, Joana, deixou o circo no final de 2012 após ser reprovada em um teste de habilidade dado pelo coreógrafo da nova turnê de uma das três unidades³

2 Esta empresa circense é o resultado de operações de compra e venda que recuam muito no tempo. Dentre os muitos circos que existiram nos Estados Unidos do século XIX, dois deles se tornaram um só em meados do século XX. No século XXI, uma família de empresários potencializou a existência dessa empresa ao atrelar a mesma a uma incorporação (INC) cujos empreendimentos no mercado do entretenimento global são frequentados, a cada ano, por cerca de 30 milhões de pessoas. Essa incorporação já esteve presente em 75 países, o que inclui o Brasil. Estou construindo esse contexto, mesmo sem detalhar operações capitalistas diversas, para que o leitor tenha alguma dimensão da grandiosidade dos investimentos que tornam possível, hoje em dia, o circo sobre o qual escrevo.

3 Duas unidades percorrem, em direções opostas, o território dos Estados Unidos e algumas cidades do México em dois trens privados de mais de um quilômetro e meio de extensão. Neles, moram praticamente todos os artistas e os funcionários dos bastidores, além de alguns familiares de ambos. Nunca consegui descobrir ao certo quantas pessoas residem em cada um dos trens; a margem que cheguei é larga: entre cem e trezentos. Animais também são transportados nesses veículos: elefantes, cavalos, cachorros.

do circo. Essas duas bailarinas não mais “faziam o perfil do show”. Esse acontecimento foi decisivo para ambas. Diferentemente do que havia ocorrido anteriormente, “agora” também Luiza, chefe das bailarinas e dos bailarinos, julgava que a preponderância dada ao estilo hip-hop nos espetáculos pesou para as suas subordinadas. Luana e Joana, depois de serem demitidas e reintroduzidas nos shows mais de uma vez através da atuação de redes afetivas e empregatícias, tiveram em 2012 o seu posicionamento nas margens do circo enrijecido.⁴ Esse empreendimento tanto cria as condições para a junção de profissionais de nacionalidades diversas em um mesmo local de trabalho e moradia quanto atua sobre as relações ao distanciar aqueles que as vivem: refiro-me, por um lado, aos casais conformados no circo e, por outro, aos familiares afastados durante o processo de migração.

Quando souberam que deixariam o circo, Luana e Joana adotaram estratégias diferentes para ali permanecerem: a primeira combinou com seu namorado norte-americano que deveriam ficar noivos; a segunda, sendo namorada de um ucraniano, tentou mudar de cargo na empresa – adiante demarco as especificidades desse relacionamento. As estratégias falharam. Como resultado, elas voltaram no mesmo vôo para o Brasil. Nem tudo estava acabado. Meses depois, em períodos diferentes, essas duas dançarinas viajaram para os Estados Unidos utilizando vistos de turismo. Elas seguiam tentando manter os seus relacionamentos combinando distância e proximidade. Ainda assim, retornaram outra vez para o país em que nasceram sem a certeza de um futuro com os seus amados. Cerceadas por querelas jurídicas em torno da nacionalidade, essas brasileiras viveram de 2012 em diante um processo de término. Isto significa que elas estavam no Rio de Janeiro sem se desligarem dos anos no circo. Os almoços, os telefonemas, as viagens, as chamadas de vídeo no *Skype* permitiam que a distância fosse experimentada não como um silenciar do passado, mas como um reviver deste no presente. Menos do que encurtar distâncias, as tecnologias aliadas aos encontros múltiplos faziam o atual, davam vigência ao que foi e não cessou. Somente pouco a pouco os namoros se esvaeciam e as relações iam inevitavelmente assumindo modalidades ainda “hoje” difíceis de serem classificadas.

Pesquisar, cuidar, precisar

Nos meandros dessas e de outras relações, surgiu com a ideia de pesquisar o circo. Ao contrário de Luiza e Joana, Luana não participou ativamente da discussão desse projeto e, por isso, não explorarei aqui o vínculo que estabeleci com ela. O fato é que, desde o princípio, a possibilidade de levar adiante uma pesquisa como esta reclamou que eu reivindicasse, para além do quanto já estava inserido, o meu pertencimento às relações de cunho profundamente afetivo. Este artigo pode ser entendido como um esforço no sentido

Tigres e leões são levados de uma cidade a outra em automóveis. Na terceira e menor unidade, os artistas viajam de ônibus e residem em hotéis.

- 4 Elas não mais faziam o “perfil do show” (Rangel 2015), isto é, não habitavam com virtuosidade e beleza as “normas de exibição” (Mahmood 2005): energia, juventude, magreza, habilidade técnica. Certamente, o passar dos anos associado ao envelhecimento cumpriu papel importante nessa determinação. Se, quando ambas foram contratadas pela primeira vez, respectivamente em 2005 e em 2008, era comum que houvesse dançarinas na faixa dos 30 anos contratadas; posteriormente, ao menos de 2013 até 2014, as dançarinas mais velhas sequer chegavam aos 25 anos. À medida que essas duas bailarinas envelheciam em exibição, o próprio registro cenográfico sofria modificações, isto é, passou a abrigar corpos ainda mais jovens.

de forjar conhecimento sobre o cotidiano das relações entre familiares, aqueles afetados por contratos e assim por distâncias, a partir da posição de filho. Se a noção de posição se refere não apenas a um lugar de fala, mas também qualifica experiências de vida particulares, então o que está em questão, como demarca Rosaldo (1993), são os tipos de insight que determinadas posições habilitam.

O meu trabalho não foi unicamente o de estranhar o familiar (Velho 1981), especialmente porque, como ficará claro adiante, o que era distante e o que era próximo a mim estava sujeito a variações conforme se alternavam as localizações, as pessoas e os sentimentos envolvidos. Talvez devamos pensar, ao menos no que tange a esta pesquisa, que o distante e o próximo são da ordem do contínuo, e não da ruptura: ao me relacionar com pessoas de diferentes nacionalidades, transitava entre um ponto e outro diversas vezes durante uma mesma conversa. Fazer etnografia enquanto filho não me parece ser um empreendimento epistemológico distinto daquele levado adiante pelos tantos(as) antropólogos(as) que estudam “em casa”. Se tanto “eles”(elas) quanto eu sabemos que o familiar não é necessariamente conhecido, o que faz diferir as nossas pesquisas parece ser menos o grau em que admitimos habitar relações prévias ao campo e mais em que medimos a sério. O meu trabalho foi o de me acolher com profusão em relações reconhecendo que seriam elas o que eu intentaria descrever, e não meras derivas autocentradas.⁵ Minha escrita nasce desse posicionamento.

Se a minha presença no circo tornou necessário que eu assumisse a “voz” de filho do campo ao texto, ao mesmo tempo busquei “fazer mais do que [...] [me] preocupar com ‘vozes’ ou ‘falantes’, ou com a cumplicidade com os ditos informantes” (Strathern 2014: 137). Interessava-me a possibilidade de conhecer como as palavras, carregadas de sentidos morais, emoções e demarcações de gênero, classe e nacionalidade, produziam as relações que as pessoas habitavam não de maneira estável, mas de forma vacilante num eixo temporal. Nesse sentido, o que estava em jogo era a possibilidade de conhecer tanto a relação entre uma dada pessoa e aquilo que ela dizia sobre si mesma e sobre os outros quanto os deslocamentos sutis na percepção do modo como se deveria ou não viver relacionamentos.

Ao invés de mencionar nomes e especificar cada um dos laços que estabeleci, de imediato apontarei apenas aquele que mais diretamente moldou a minha estadia no circo. Foi a amizade entre Luiza e Joana que marcou a mim frente às(aos) dançarinas(os) da unidade do circo em que estive. Deixe-me fazer um breve recuo de modo a explicitar, a partir da elaboração tardia de algumas memórias, as características dos vínculos em questão. Eu e Luiza nos conhecemos pessoalmente em dezembro de 2008 num bar localizado na Lapa, Rio de Janeiro, durante um reencontro entre antigas e, à época, atuais dançarinas do circo. Certamente, antes desse dia de encontros, Luiza podia dizer que me conhecia, que tinha

5 Pesquisas desdobradas por entre laços afetivos não são novidade. As primeiras páginas do famoso livro de Lila Abu-Lughod, *Writing Women's Worlds* (1993), bem indicam isto. A autora conta o quanto e como seu pai foi importante na negociação de seu acesso ao campo. Devo dizer, contudo, que o trabalho de Grace M. Cho (2008) me afetou e inspirou de modo mais intenso porque, ao analisar a diáspora coreana, Cho argumenta a respeito de uma figura feminina apagada do debate público. Figura que diz sobre traumas e silêncios oriundos de relações sexuais não consentidas entre soldados e mulheres coreanas e que a própria mãe da autora materializa em suas memórias da vida familiar. *Haunting the Korea Diaspora: shame, secrecy, and the forgotten war* (2008) produz a certeza de que relatos sobre a intimidade do pesquisador, quando relevantes em termos propositivos, podem ser algo mais que narcisismo ou romantização do trabalho etnográfico.

informações significativas a meu respeito, pois ela sabia, por exemplo, que a presença da minha mãe no circo era justificada em muito pela transferência de dinheiro a mim. Joana dizia que ficava no circo porque “precisava”⁶ do emprego, do dinheiro. Ela tinha um filho para sustentar. Notoriamente eu circulava nas conversas entre essas mulheres como alguém a ser cuidado e, tal como uma legião de filhos nascida em economias capitalistas, era também um custo. Sendo assim, “precisar”, “arcar com”, “pagar por” não são categorias unicamente econômicas, já que eram empiricamente modalidades de ação que se entrecruzavam e qualificavam um “jeito de cuidar”⁷ (Fernandes 2013) acometido pela distância e por ela transformado.

Entre uma ligação e outra, entre idas aos Estados Unidos e vindas ao Brasil, recorro que Luiza, mas não somente, fazia questão de apresentar Joana a mim como “mãe dedicada”. Havia todo um trabalho moral para justificar a distância não como ausência de afeto, e sim como o produto de condições financeiras adversas, da “necessidade”. Joana seria “mãe batalhadora” e caberia a mim reconhecer o esforço por ela empenhado ou, conforme me parece mais adequado, seria preciso que eu valorizasse esse “jeito de cuidar”. O que estou dizendo é que, uma vez identificada por Joana e suas amigas a importância de permanecer nos Estados Unidos em um posto de trabalho, era reclamado que eu, como filho, não questionasse o amor maternal. “Precisar” é um verbo polissêmico a ponto de conformar uma cadeia de necessidades: o “precisar” de dinheiro produzia o “precisar” de reconhecimento frente à ameaça do descuido e do macular da maternidade.

Gratidão⁸ era o sentimento reivindicado como capaz de legitimar as justificativas da migração e, aparentemente, como sendo o único hábil em (re)compor o cuidado maternal afetado pela distância e pensado frequentemente de modo unidirecional e hierárquico: de mãe para filho, de “protetor” para “indefeso”. Acredito ainda que a demonstração de

6 Este verbo começou a ser usado por minha mãe quando, depois de meu avô falecer, ela se viu tendo que pagar sozinha as contas da casa em que morávamos. Joana dizia “precisar” de uma viagem a trabalho para qualquer lugar do mundo que durasse mais de um ano. Somente assim conseguiria “resolver a vida”. Foi nesse contexto que a sua melhor amiga, após ser demitida por ter engordado, a indicou para o circo. A vaga surgiu e foi preenchida em duas semanas. Minha mãe ingressou nos shows do circo aos 35 anos sem passar pelos testes de habilidade no Brasil. Devo dizer ainda que esse caso é bastante singular se comparado aos motivos que as bailarinas e os bailarinos que conheci em 2013 e 2014 apresentavam. Elas(eles) falavam sobre “oportunidades”, “viagens”, “aventuras”. Certamente, há também uma diferença geracional fundamental. Aos 20 e poucos anos, apenas um bailarino tinha filho e nenhuma(nenhuma) dançarina(o) contribuía financeiramente com a sua família biológica.

7 Fernandes (2013) aponta a necessidade de considerarmos o cuidado a partir dos termos em que ele ocorre. Se o cuidado existe não em termos abstratos, mas se faz presente no cotidiano como um trabalho a ser efetuado continuamente por agentes específicos; então é tarefa antropológica complexificar as imagens que temos dos “jeitos de cuidar”. Seguindo a autora (2013), invisto numa cartografia relacional e moral do cuidado.

8 Coelho (2006) argumenta que, durante a troca de presentes entre patroas e empregadas, o sentimento de gratidão é reivindicado pelas primeiras como uma contraoferta a um presente. Isto é, quando a patroa dá a sua empregada um liquidificador, ela não espera uma retribuição material, e sim a expressão de gratidão. Se, por um lado, a autora toma a gratidão como um sentimento que tem um gosto de servidão, pois capaz de dramatizar no plano micropolítico relações desiguais na sociedade mais ampla; por outro, o fato das empregadas não se comprometerem com as expectativas das patroas é lido como um exercício de agência. Ou seja, as empregadas não ofertariam respostas automatizadas e passivas, mas moduladas por intenções e contextos. Pesadas as diferenças, circular como filho grato era algo que posicionava continuamente a mim de modo hierarquizado.

gratidão não era somente reclamada, mas também ensinada a cada vez que se fazia uso do próprio verbo “precisar” em telefonemas e visitas. Seguindo Vianna (2005), podemos pensar a “retórica da gratidão” como manifesta nas falas e gestos que selam compromissos, os quais, embora devam ser expressos de modo gratuito e não interessado, produzem dívidas morais. Deste modo, falas maternas como “fui pelo nosso bem” e “era a chance de mudarmos de vida” fazem do fundo econômico uma justificativa plausível, novamente em termos morais, para a exigência da demonstração de gratidão como pagamento de esforços e como gesto de reconhecimento do bem que se diz ter sido feito. A fomentação da figura da “mãe sacrificial” (Fernandes 2017), aquela que trabalha em “nome de”, “faz por” ou se “dedica a”, parece assim vinculada à produção de uma limpeza moral do laço maternal através do apelo à gratidão. A contrapartida disto é a fixação do objeto de cuidado numa relação que se reproduz em bases assimétricas.

Se fui durante anos visto como alguém que foi e deveria ser cuidado, poderia querer realizar qualquer estudo no circo e nos seus arredores refutando essa posição? A resposta é simples: não. Resta conhecer a razão. No mesmo dia em que pisei no circo, Luiza, em tom brincadeira, disse que era a minha mãe. Eu ri. Não apenas seguimos nos chamando de mãe e filho durante os dias em que lá estive como também fui apresentado aos dançarinos e às dançarinas dessa maneira. Como resultado da brincadeira iniciada por Luiza, ganhei das(os) demais bailarinas(os) um pai ucraniano, Yuri – o quase ex-namorado de Joana. Essas brincadeiras devem ser levadas a sério na medida em que demarcavam continuamente a minha posição em campo. O laço maternal extravasou o vínculo biológico e fez de mim alguém a ser cuidado por várias(os). Eu estava cercado pela maternidade e pela paternidade. Era filho de uma trindade: Luiza, Joana e Yuri.

Ao abraçar a voz de filho, me refugiei no lugar atribuído a mim no interior da rede de trocas afetivas e materiais em que o meu pedido foi possível e aceito. Coube a mim a demonstração de gratidão em nome não somente do que “agora” me era dado, o direito de conhecer, como também em nome de tudo o que era julgado como tendo sido feito no passado para o meu bem. Se, por um lado, a pesquisa pode ser tomada como um “presente envenenado” (Vianna 2005) porque situava a mim no interior de uma cadeia de contraprestações (Mauss 1974) cujo traço distintivo era a replicação do esforço materno, esforço que não pode ser completamente compensado e que, portanto, produz contas que não fecham; por outro, as dívidas lançadas no horizonte da díade mãe-filho são dívidas que não podem ser cobradas sem a produção de um abalo frontal do amor maternal. É preciso, por conseguinte, não reduzir a maternidade a uma linguagem economicista porque a figura da “mãe sacrificial” não é exatamente a de um credor. Sua condição de possibilidade, fundamentada numa linguagem de gênero, é a doação desinteressada.

No entanto, circular nos meandros de um jogo semântico entre mãe e filho ou entre cuidado e gratidão parecia ser e exigir ainda mais. Era esperado que me comportasse. Durante uma das visitas de uma antiga dançarina do circo à casa em que vivo, eu, ela e minha mãe fizemos uma chamada de vídeo com Luiza. Faltavam poucos dias para que a minha viagem aos Estados Unidos acontecesse. Assim que esta última bailarina nos contou sobre o estado de sua relação com o seu então namorado, um russo, começamos a discutir sobre como eu deveria agir no circo. De imediato, Joana dissertou sobre as minhas bermudas classificadas como curtas e as minhas calças que, ditas como sendo mais do que *skinning* (modelo de calça justa unissex), eram *legging* (modelo de calça justa e, em geral, feminina). Minha mãe

biológica estava literalmente informando àquela que viria a ser minha mãe por atribuição a respeito de um vestuário julgado inapropriado. A passagem para uma discussão sobre sexualidade foi rápida. Luiza não comentou sobre roupas, porém disse que era melhor que eu evitasse “pegar algum cara” no circo. As três mulheres pareciam estar de acordo: caso isso acontecesse, as fofocas seriam inevitáveis.

Vários fatores estavam em jogo nessa conferência virtual: (1) o circo aparece como um reduto moral sob o signo da fofoca e da tentativa de contenção desta; (2) a homossexualidade emerge como um aborrecimento possível das relações travadas com pessoas não claramente apresentadas, um outro preconceituoso; (3) como um filho que recebe um presente, a pesquisa, eu deveria ser grato me comportando de modo a evitar que aqueles vinculados a mim tivessem de lidar com os custos eventuais da realização dos meus desejos. O pano de fundo dessa conversa era, a meu ver, um raciocínio fundamentado por certo preceito de proteção de pessoas e relações através da regulação de atos sexuais e afetivos. Neste sentido, o que era exigido e ofertado a mim era a possibilidade de cuidar daqueles que de mim cuidavam evitando, principalmente, o sexo com outro homem. Aqui, o bom comportamento filial aparece em dois sentidos, pois, por um lado, reafirma a posição hierarquizada daquele que é grato e, por outro, faz desta uma possibilidade de ganhos enquanto acesso a relações, coisas e pessoas.

Quando me dei conta que circulava como filho gay, percebi que demonstrar gratidão evitando fofocas era algo que também me beneficiava porque parecia ajudar a estreitar vínculos na medida em que meu comportamento pudesse não aborrecer pessoas próximas a mim e relações variadas. Sendo filho comportado, eu ganhava o privilégio de ver e ouvir continuamente. As gramáticas morais e afetivas que minha presença e pesquisa movimentavam não eram, por conseguinte, estáticas, e sim passíveis de serem moduladas por ações individuais que não se localizavam fora dessas mesmas gramáticas, mas em seus interstícios. É por motivos como esse que Adriana Vianna sugere ainda a importância de pensarmos a “retórica da gratidão” enquanto “estratégia discursiva [...] que implica não apenas o reconhecimento dos débitos, mas uma forma de negociá-los. A negociação, por sua vez, pressupõe a percepção de que o outro lado também recebe algo, que há algo na ‘coisa dada’ em troca do que se ganha” (Vianna 2005: 44).

Se nada do que conto causou desavenças ou mesmo dificuldades, levei para campo ou nele construí incômodos outros. Até certo ponto, me recusei a aceitar uma imagem monolítica da “boa mãe”. Digo até certo ponto porque estava claro que tanto literalmente dependia das pessoas que me receberam quanto de fato sentia e deveria demonstrar gratidão. Somente pude introduzir argumentos outros a respeito do significado da vida de Joana no circo porque a minha imagem de “bom filho”, aquele que pôde reconhecer os esforços outrora realizados, não estava sob ameaça. A pesquisa também colaborava nesse sentido, pois circulava como uma prova do uso moralmente adequado do dinheiro investido em minha educação. De certa forma, eu devolvia as transferências monetárias no ato de querer conhecer. Gesto outro de reconhecimento. Assim sendo, aceitar a pesquisa era prosseguir e complexificar a troca de cuidados entre vários. Era também uma maneira de me ofertar um espaço de enunciação renovado no marco dessas mesmas relações. Escutar a voz de filho não era bem uma promessa, e sim uma viabilidade ou faculdade que a pesquisa instaurava de modo diferenciado porque ela mesma produzia e especificava a mim enquanto agente moral, isto é, como um filho que podia ganhar presentes seguidos: a concessão da etnografia, outra e nova conversa.

No decorrer de uma tarde que passei junto a Luiza, disse a ela que se, por um lado, a minha mãe “precisou” ficar no circo, por outro, não era necessário negar que também houve ganhos para Joana: alguma liberdade. No momento da conversa não usei essa palavra, mas fiz referência a ela porque tentava argumentar que as obrigações maternas eram suavizadas pela distância, já que a impossibilidade de assumir mais integralmente responsabilidades e situações cotidianas poderia ser ao menos em alguns aspectos positiva. Eu dizia, com eloquência muito inferior, que a migração, no que se refere ao laço maternal, não precisava ser reduzida ao sentimento de dor frente à distância ou de perda frente às sutilezas da vida ordinária e nem mesmo exigia que a figura da mãe que batalha e provê fosse tão inequívoca. Não haveria mais? Cuidar de um filho a partir de outro país não produziria outras possibilidades de vivência da maternidade? Com dinheiro no bolso e namorado do lado, a “vida no circo” não poderia ter sido menos dura do que era a vida no Brasil para Joana? As viagens paradisíacas e os hotéis de luxo seriam possíveis de outra maneira? Luiza parecia não tomar os meus argumentos como ingratidão ou maculadores de sua amiga enquanto mãe. Porém, mesmo sem censurar, ela conduzia a si mesma de modo bastante sutil e articulado: deixava-me falar sem afirmar concordância. Na esteira de Camila Fernandes (2017), seria possível aventar se a distância não produziria possibilidades de autonomia feminina em relação à maternidade, chances de cuidar menos que se materializam em viagens, amores e bens; ou, como diz a autora, numa reconquista do “tempo para si” em relação ao “tempo dedicado”. Podemos indagar ainda se a distância não estaria realizando um trabalho ambíguo: reclamando a reprodução discursiva da figura da “mãe sacrificial” e, ao mesmo tempo, demarcando nas dinâmicas cotidianas um afastamento desta.

A persistência do mundo comum

Como espero ter tornado claro na seção anterior, considero que não devemos separar as práticas de cuidado das gramáticas afetivas e morais a que elas se entranham, de tal modo que o “jeito de cuidar” descrito não se dissocia em momento algum do sentimento de gratidão (possibilidade de pesquisar) e mesmo de uma versão do amor materno fundamentada na ideia de sacrifício. Ou seja, a figura da mãe que se distancia, porque ama e necessita nutrir, não existe senão através da vinculação entre gênero, classe e afeto ou, em outras palavras, maternidade, “necessidade” e gratidão. O que essas ponderações me levam a perceber é a rentabilidade de adicionarmos, uma vez mais, ao debate sobre a articulação de “marcadores sociais da diferença”,⁹ enquanto processo constitutivo de uma figura materna, certa atenção dirigida às emoções como forma de descrever os modos de engajamento continuados com o próximo, o filho, mas também com o outro, o ucraniano sobre quem falarei adiante. Sigo, portanto, as sugestões de Lowenkron (2015), que, em artigo recente, demarca a efetividade da associação entre a abordagem interseccional, aquela preocupada em entender como categorias de diferenciação se constituem reciprocamente em contextos específicos, e a abordagem que entende que “as emoções surgem perpassadas por relações de poder, estruturas hierárquicas, concepções de moralidade e demarcações de fronteiras

9 Entendo gênero, classe e nacionalidade, embora não somente, enquanto categorias de diferenciação articuláveis, marcadores que devem ser analisados em sua interação, já que “existem *em* relação entre si e *através* dessa relação – ainda que de modo contraditório e em conflito” (McClintock 2010: 19).

entre grupos sociais” (Rezende & Coelho 2010: 78).¹⁰ A minha suspeita é a de que falar sobre amor, seja ele maternal ou conjugal, é sempre falar sobre relações que implicam algo mais que amor. Os “jeitos” de cuidar, lidos aqui como maneiras de amar, anunciam enlaces múltiplos, seja no plano analítico, seja no reduto das dinâmicas cotidianas.

Alinho-me ainda aos estudos sobre mobilidades transnacionais que buscam refletir sobre as correlações entre gênero, sexo, amor e dinheiro (Piscitelli, Assis & Oliver 2011), atentando não somente para a dimensão operacional da articulação entre marcadores, mas também para o que vagamente chamo de poética: práticas de cuidado, emoções e silêncios – apenas para permanecer nos limites do que abordo ao longo deste artigo. Piscitelli (2008) de modo certo afirma que, para além da simples tentativa de caracterizar a articulação entre classe, raça, gênero e outras categorias identitárias, como se fossem marcas previamente constituídas, o que está em jogo é precisamente o processo de constituição dos sujeitos através dos processos de diferenciação. Ou seja, tal entendimento “resulta em deslocamento da noção de ‘identidade’ para a ideia de diferença” (Lowenkron 2015: 24). Pode-se dizer então que me interesso pelas modalidades afetivo-morais dos processos de diferenciação na justa medida em que busco delinear a vivência de relacionamentos e a conformação de figuras/sujeitos. Como foi possível a construção de um “mundo comum” entre Yuri e Joana, sendo ele um ucraniano capaz de mencionar Hitler em tom não severamente crítico e sendo ela uma brasileira que se autocalifica como “mulata”? Deste ângulo, importa compreender quais as “diferenças fazem diferença” (Lowenkron 2015) na produção de relações amorosas e, ao mesmo tempo, “como as fronteiras da diferença são constituídas, mantidas ou dissipadas” (Brah 2006: 359).

Considerando as colocações de Das (2010), responder a pergunta anteriormente colocada requer a descrição do florescimento lento do descobrimento de modos de vida possíveis, uma vez que é no suceder ou realizar dos dias que nos tornamos abertos ou não a responder aos chamados do outro. Seria preciso atentar para as mudanças sutis em termos de disposições e ações enquanto maneira de habitar o cotidiano. Afinal, mesmo onde antagonismos estão marcados na memória, alguém “locked in conflict with another at one level might find that there are other thresholds of life in which one becomes, despite all expectations, attached to that other” (Das 2010: 399). O amor entre Joana e Yuri tornou o episódio da enunciação de Hitler algo a ser relatado por ela a mim menos como signo do estranhamento e da distância entre ambos e mais como demarcação da capacidade de conviver com as diferenças e de transformar a si e ao outro paulatinamente, espécie de trabalho relacional e afetivo encravado no dia a dia: conversas sobre eugenia, raça/cor, homossexualidade e filhos; episódios de conflito, choro, drama; planos de futuro, ajustes, silêncios. O fato é que Joana não recorda as circunstâncias, os motivos e as intenções que perpassaram a conversa sobre o nazismo. Não lembrar e ainda assim insistir em relatar implica sugerir que um longo caminho havia sido percorrido. Juntos eles haviam se tornado outros. De onde emerge o acoplamento entre os dois?

Joana costumava afirmar que Yuri “precisava” do emprego no circo, ela me contava com frequência como seu então namorado gastava parte do salário que recebia: trocando o sistema de aquecimento da casa em que os pais dele viviam em alguma cidade no interior da Ucrânia; pagando cursos para um dos seus três filhos – todos acima dos 21 anos; comprando roupas de inverno para a família a preço inferior do cobrado na Europa. Ela

10 Para micropolítica das emoções, ver Lutz & Abu-Lughod (2008) e Coelho (2010).

se identificava com Yuri através da figura do provedor, aquele que dá, que faz por outrem. Pensar a si como “mãe sacrificial” era algo que trabalhava, portanto, em prol da conformação de um “mundo comum”. Aqueles que ficam no circo porque “precisam” e assim cuidam a distância trocam votos morais entre si, chancelas de honraria baseadas numa identificação experiencial de classe: são eles os pobres que batalham além-mar, as mães e os pais que proveem, as figuras que dependem da gratidão daqueles que a milhares de quilômetros de distância recebem.

Todavia, não posso aferir que tal identificação seja recíproca. Yuri, durante os poucos dias em que convivemos no circo, não mencionou, tão explicitamente quanto minha mãe, nenhuma categoria cujo conteúdo aludisse a sensibilidades de classe. Em todas as situações em que estivemos juntos ele fazia questão de exibir dedicação à Joana ao cuidar de mim: levando-me ao mercado; disponibilizando-me a chave de seu próprio quarto, já que ele viajava entre uma cidade e outra de carro, e não de trem como a maior parte dos artistas; dando-me tickets de refeição ou “marmitas” nos dias em que passávamos muito tempo nas arenas onde aconteciam os shows do circo; oferecendo-me um jantar típico da Ucrânia/Rússia. O meu breve convívio com esse homem era um efeito da relação dele com Joana. Eu existia circulando entre os dois. Quando penso que Yuri cuidava não apenas de mim, mas sobretudo através de mim, não penso de forma metafórica, e sim em termos práticos, pois as benfeitorias dirigidas a mim refaziam laços anteriores ao momento em que cheguei no circo e apenas vagarosamente e de modo duvidoso me instauravam como um terceiro hábil a motivar por si mesmo uma troca. Entre Joana e seu quase ex-namorado existia mais uma díade capaz de me fazer circular como elemento da troca de cuidados do que uma tríade na qual eu pudesse dar e receber sem estar referido a um dos outros dois termos ou subsumido à relação entre ambos. Circular como filho, mais precisamente como materialização de uma relação a ser investida, era acentuar as práticas de cuidado em detrimento das dificuldades associadas ao corpo/performance gay naquele contexto. Juntos, filho e pai, produziam a homossexualidade como um silêncio, refiro-me a um trabalho de não verbalização em nome do “mundo comum”.

Durante o jantar mencionado, Yuri trouxe a lume os meandros da vida no circo. Sua fala transmitia decepção e também indignação. Ele reclamava que os artistas circenses não eram mais como antigamente. Não se podia, nessa empresa, dizer o que estava errado, já que o acusado logo se ressentia. “*It’s terrible! I know they are doing everything wrong and I can’t say*” [É terrível! Eu sei que eles estão fazendo tudo errado e não posso dizer]. Não era possível queixar-se de modo áspero ou mesmo gritar com alguém. Yuri estava certo de que era necessário adequar os seus modos de fala. E isso o importunava, pois as atitudes ásperas, produtivas a seu ver, eram exatamente aquelas que faziam dele um réu nesse contexto. Ele lamentava não ser o diretor-geral do circo porque, caso fosse, as coisas não seguiriam dessa maneira. O que lhe restava era ir até o escritório fazer uma reclamação formal. Perguntei então se ele fazia isso mesmo quando o trabalhador em questão não era seu funcionário imediato. “*Yeah, but...*” [Sim, mas...]. Yuri deu de ombros, como se dissesse: quem liga para o que digo? Ele duvidava tanto da importância atribuída aos seus julgamentos quanto da eficácia burocrática. Em seguida, completou: “*it’s not a circus, it’s just business*” [isto não é um circo, são apenas negócios]. Frase que, posta em relação ao que anteriormente havia sido dito por ele, me levou a perceber que a nossa conversa fluía através da linguagem de gênero.

Se em um primeiro momento falávamos de modo trivial e afetivo sobre figuras e temáticas amplamente tidas por ele como femininas – a mãe, a namorada, a casa, a comida; posteriormente, o circo, os negócios e o modo de resolver impasses nos Estados Unidos emergiram também associados ao feminino, mas dessa vez em tom de pesar e desgosto frente a um masculino longínquo, isto é, vibrante no tempo passado. Entretanto, o teor nostálgico da conversa operava também garantindo a Yuri um lugar de fala no presente. Ele foi assumindo uma retórica masculina ao professar as suas memórias e opiniões. A Ucrânia foi representada não somente por intermédio do treino rígido e verdadeiramente circense, oposto à linguagem norte-americana dos negócios, mas também via lembranças do período em que o próprio Yuri serviu ao exército de seu país natal. A saudade que ele sentia permitia que o lugar de fala masculino não fosse encarcerado como algo que já não existe. O pesar produzia durante o jantar a recuperação de uma masculinidade que Yuri parecia crer não ser possível atuar no dia a dia no circo. O lugar de fala que ele almejava para si não estava inteiramente disponível. Para além da nossa conversa, Yuri atendia às exigências feitas na empresa em que trabalhava. Ele modulava suas ações. Não agia integralmente como o homem de sua confissão. Ele se via levado a proceder no feminino. Mesmo que não busque essencializar posições e performances relativas a gênero, ao seguir de perto as sugestões de Yuri, descrevo um mundo onde as versões do masculino e do feminino são organizadas de modo binário. Neste mundo a exigência empresarial de autocontrole (Lutz 1996) é lida como signatária do feminino, de tal modo que a masculinidade menos se abre a uma multiplicidade, masculinidades outras, do que se fecha em um lamento de feminização. Processo experiencial que, no entanto, parece beneficiar o investimento de Joana na transformação do “ogro”, já não tão “ogro”, que ama.

Durante o jantar, Yuri mencionou os seus filhos e os seus pais, mas não tocou no nome da mulher ucraniana que era sua esposa e que ele via de tempos em tempos. A presença dessa mulher em nossa conversa era diferente da de Joana, porque a primeira existiu ali apenas como outro silêncio. Embora conhecesse algumas versões sobre esse casamento a distância marcado pela “traição” continuada, juntei-me a Yuri em seu comedimento ao falar sobre sua família ucraniana. Não fiz referência a quem ele não se referia. Evitávamos assim um tema melindroso. Entretanto, não devemos pensar essa cautela como referida unicamente ao presente, isto é, como se buscássemos apenas evitar naquela circunstância todo e qualquer ruído. Se, por um lado, agíamos sob esse intento, por outro, ao não falarmos sobre esse assunto, permitíamos que as interpretações prévias dessas relações amorosas afetadas por distâncias seguissem sem encontrarem outras vozes; no caso, a voz de filho. O silêncio trabalhava, a meu ver, dizendo menos que esse assunto era de fórum íntimo, condizente somente ao “triângulo” transnacional, e mais em um sentido reprodutivo: ao não debater, deixávamos novamente que o “mundo comum” que Joana e Yuri estabeleceram perpetuasse, se certamente não como fora, ainda em alguma sintonia aos preceitos outrora estabelecidos entre dois sobre três.

Ainda que não possa descrever em detalhes as ações e interpretações de Yuri no que diz respeito ao seu casamento e ao seu relacionamento com aquela que era sua namorada, posso exemplificar de modo mais amplo, porém situado, o trabalho do silêncio durante esse jantar apelando para a versão de Joana sobre a esposa de Yuri. Um dos elementos que seguiram foi a interpretação que minha mãe biológica e suas amigas, antigas bailarinas do circo, nutriam a respeito dessa mulher ucraniana enquanto alguém “dependente” de um

homem. O que me parece mais facilmente apreensível, ainda que existam algumas distinções marcantes entre as figuras a serem cuidadas, é o fato desse uso da noção de “dependência” corroborar a aproximação de Joana a Yuri através da associação entre figura do provedor e a figura da “mãe sacrificial”.

Se optarmos por seguir, devemos levar em consideração a forma como o termo “cultura” aparecia nesse contexto. Era fazendo uso dessa palavra que Joana justificava a muitos a razão do seu então namorado não ter se separado de sua esposa para lhe ofertar a possibilidade de permanecer nos Estados Unidos via casamento. Nesse sentido, Yuri era membro de “cultura” em que um homem deve suprir financeiramente, mas também em termos afetivos, a mulher e todos os que dele “dependem”. Chamo atenção à ideia de “cultura” como parte de uma gramática moral de cunho transnacional. Pensar Yuri dessa maneira era para Joana algo que justificava inclusive os empréstimos que ela fazia, eventualmente, a ele para que as idas à Ucrânia fossem possíveis ao menos uma vez por ano. Apelando a essa ideia, Joana mais do que atribuía a seu então namorado uma honraria semelhante à sua, pois assim ela também o categorizava como outro. A demarcação da alteridade criava um argumento moral e econômico para a não exigência da separação jurídica e para a perduração do laço afetivo. A figura da mulher “dependente” e a invenção de uma “cultura” para um homem provedor qualificavam as condições sob as quais a relação entre uma brasileira e um ucraniano casado era possível em um circo norte-americano, mas também fora dele.

Assim sendo, a linguagem de gênero, alimentada pelas práticas de cuidado, reaparece aqui não apenas entranhada nos modos de falar sobre si e sobre o outro, como também sendo o terreno no qual e sobre o qual se (re)fazia um “mundo comum”. Decorrem daí ao menos cinco possíveis ponderações que, no plano ordinário, emergiam intensamente emaranhadas e parecem ter sido imprescindíveis na construção da relação entre Yuri e Joana: (1) aproximação entre a figura da “mãe sacrificial” e do pai provedor; (2) fabricação de uma feminilidade ucraniana “dependente” em oposição à brasileira que faz por e empresta a; (3) instabilidade ou precariedade do lugar de fala masculino/ucraniano; (4) produção da percepção da conduta, especificamente do modo de solucionar problemas nos Estados Unidos, como feminina; (5) veiculação de distintas e intercambiáveis gramáticas afetivas, morais e econômicas na lida com figuras igualmente distintas: filhos, pais, esposa, namorada e namorado. Se, por um lado, o “mundo comum” que descrevo surgiu no seio de uma empresa, isto é, em um espaço de tipo particular porque hábil, até certo ponto, em controlar condutas e relações através da administração dos corpos; por outro, esse mesmo “mundo comum” somente pôde existir porque fora, dia após dia, tecido e contorcido através de poéticas que vinculavam de ponta a ponta gênero, classe e nacionalidade/cultura.

Vendo a pena e tocando a dor

Não obstante, as pessoas envolvidas nessas tramas conheceram a fragilidade do “mundo” que teceram quando a vida que levavam no circo foi reorganizada em nome das normas de exibição, dos corpos exibíveis. Nenhum dos argumentos nutridos, operações morais e afetivas, foi suficiente para dar conta dos preceitos produtivos, o belo e o virtuoso,

nem mesmo para resolver os impasses jurídicos. Porém, o silêncio que eu e Yuri produzíamos durante o jantar parecia auxiliar a perdurar, ainda que de modo incerto e tênue, as relações constituídas com base nesses mesmos argumentos, cuidados, afetos, moralidades, marcadores da diferença. Se, dia após dia, essas relações eram inevitavelmente transformadas pela distância instaurada pela demissão, se o término do namoro ficava cada vez mais claro, o que o silêncio podia fazer era cooperar de modo a simplesmente deixar seguir uma versão do passado ao menos naquele instante. Ação modesta e debilitada, mas significativa num “mundo” ainda mais debilitado, isto é, impactado pela preponderância dos contratos e pela força das jurisdições. Se o pesquisador não fosse o filho da amada, os silêncios talvez não existissem ou não fossem notados e, caso fossem, os comprometimentos já não seriam os mesmos. O passado e o futuro estavam em jogo durante as práticas de silêncio porque éramos quem éramos.

Dito isto, deflagro também a urgência da fabricação de novos termos e gramáticas; digo, formas outras de fazer seguir relações. Quando voltei ao Brasil e confessei à minha mãe biológica ter sentido pena de Yuri, ela prontamente se deixou tomar pelas minhas palavras: “agora você viu, não é?”. Frase que tanto cumpria um papel tautológico, espécie de conhecimento repetitivo do mundo, quanto dizia sobre um retardo experiencial. Tudo se passou como se ela dissesse a mim que no mundo dela a pena era parte do habitual, ou seja, o sentimento que eu mencionava era novo apenas porque somente agora eu podia vê-lo, senti-lo ou reconhecê-lo. Se essa frase coadunava a produção de um novo lugar para mim pós-campo, ao mesmo tempo qualificava a presença fantasmagórica de Yuri nessa circunstância de enunciação. Ao dizer que sentia pena, eu nomeava algo mais que o meu próprio sentimento. Neste sentido, o que eu vi foi Joana sentir por seu namorado o mesmo que eu afirmei ter sentido.

De toda maneira, somente Joana podia experimentar essa pena como um reatar ao seu, cada dia mais, ex-namorado. Se, por um lado, sentir pena era para ela viver no presente um “mundo comum” carente de toque, por outro, era dizer a outrem que ela e Yuri eram provedores distintos. Se me permitem um jogo de palavras, quando Joana disse “agora você viu, não é?”, eu a vi dizer que não mais “precisava” como Yuri, a seu ver, continuava “precisando”. Para não delongar, uso imagens que, embora insuficientes, comunicam algo relevante: a pena que eu enunciei e ela sentiu se forjava e relatava sobre marcos econômicos: naqueles dias, eu custava bem menos para minha mãe biológica e Yuri, conforme se supunha, seguia no mesmo lugar ganhando a mesma quantia e gastando com as mesmas pessoas o que sempre gastara. Do ponto de vista analítico mais abrangente, isso demarca que toda a gramática afetivo-moral descrita, como venho sinalizando, não deve ser estabilizada em demasia, ainda que a etnografia assim o faça, pois ela segue em passos lentos em plena transformação.

Certamente, falando sobre pena produzíamos relatos sobre a separação. Arrisco dizer que se tratava da produção de uma forma de enunciação da dor que Joana carregava sem, no entanto, fazer dela algo a ser debatido incessantemente e ainda assim carente de reconhecimento. Pensando com Das (2007), pode-se dizer que a dor “is not that inexpressible something that destroys communication or marks an exit from one’s existence in language. Instead, it makes a claim on the other – asking for acknowledgment that may be given or denied” (Das 2007: 40). Como filho, essa dor costumava ser pouco acessível a mim. Foi somente a reinserção no horizonte familiar enquanto pesquisador que me possibilitou

perceber, através da discussão dos meus próprios textos com aqueles sobre os quais eu escrevia, que a etnografia podia funcionar como gesto de reconhecimento nesse contexto muito particular. Textualizar a pena passou a ser um modo não apenas de exprimir a dor, mas também de não sufocá-la no terreno corporal individual. Habitando a linguagem através de um horizonte de experiência compartilhado, pude, como sugere Das (2007), tocar a dor do outro. O meu conhecimento sobre o que minha mãe sentia marcava a mim, embora a presença da dor em nossos corpos correlacionados não pudesse ser simplesmente equalizada.

O que se criou não foi um dilema em torno da “publicização” da intimidade, e sim o de que fazer com o que agora se sabe e se compartilha. Em um primeiro registro, a pergunta era comum a muitos antropólogos: “o que o seu texto vai fazer pelas pessoas?”, disse Joana. Eu não tinha uma resposta a dar porque todas as que pensei pareciam um tanto frívolas. “Acho que nada” foi o que eu disse. Esse “nada” deve ser entendido aqui como uma fala sobre a insuficiência do texto em relação à vida, pois o retorno que as palavras produziam não era algo suficiente para quem me questionava. Se o reconhecimento da dor pode ser grafado, o texto em si não traz a reparação do “mundo comum” afetado por contratos e assim pela distância. Por essa razão, é importante não sobrevalorizar os efeitos da etnografia no âmbito familiar. O que se queria ao perguntar sobre o ofício do antropólogo era algo que não se limitava ao reconhecimento. A deflagração da impossibilidade desse gesto ou a enunciação de sua existência duvidosa, no entanto, rearranjou a pergunta inicial. Se antes eu era questionado, Joana passou a questionar a si mesma sobre o que fazer.

Já não era somente a reparação do “mundo comum” que estava em jogo, mas o que podia ser feito exclusivamente em nome de Yuri. Parecia claro que quase nada poderia ser realizado de modo a contornar ou cindir normas de exibição, pendências jurídicas e demarcações de pertencimento. Era desse esgotamento enraizado que a dor enunciada emergia e caminhava, a duras passos, em direção à pergunta sobre o que então podia ser feito. Adentrávamos assim o estado de compaixão. Como assinalou Coelho (2010), tal como a pena e a gratidão, a compaixão é um sentimento que depende de uma hierarquia. Nesse caso, além do fundo econômico já mencionado, estava em questão quem deveria fazer o que por quem. Se eu não podia, se era imaginado que Yuri também não podia, então a responsabilidade recaía sobre Joana.

Yuri não podia porque se pensava que ele era um homem nascido em uma “cultura”, um “ambiente” ou um “lugar religioso”. O fato de ele ser cristão adepto à igreja católica ortodoxa russa atuou, nesse contexto, como um conhecimento relativo à capacidade dele em perdurar laços afetivos em meio à adversidade. Se Yuri não se separava da sua esposa por questões religiosas, então podia ser que seguisse vinculado à Joana mesmo sabendo que o “mundo comum” se desfazia. Isso somado ao fato de ela enxergar o seu então namorado como mais necessitado, como sendo alguém que “precisa” mais do que ela passou a “precisar”, a impelia a assumir as rédeas do futuro da relação. Assinalo, portanto, a possibilidade de a dor conformar com os sentimentos de pena e compaixão um “complexo emocional”¹¹ capaz de deflagrar a urgência da ação, bem como a nomeação do sujeito que pode ou deve reagir. O gesto de Joana foi o de assegurar a Yuri que eles podiam “se falar para sempre”,

11 Maria Cláudia Coelho argumenta que os assaltos às residências de classe média no Rio de Janeiro podem ser interpretados, sob o ângulo da vitimização dos entrevistados/assaltados, a partir de complexos emocionais, uma “dinâmica entre humilhação/medo/impotência, de um lado, e raiva/desprezo/compaixão, de outro” (Coelho 2010: 266).

mas precisavam, dali em diante, simplesmente mais do que antes, estar abertos aos chamados do outro. Deixar foi o que pôde ser feito em nome de quem se ama. Na medida em que assim se acreditava fazer o bem, reconvertia-se a posição de Yuri: de provedor a alguém a ser cuidado. A associação entre a figura da “mãe sacrificial” e a do pai provedor aproximava-se de um esgotamento; dito de outro modo, as dinâmicas de gênero, classe e nacionalidade/cultura, em nome do amor que se sentia e também da pena e da compaixão, assumiam uma conformação capaz de produzir não mais a persistência do “mundo comum”, mas sim a sua destituição lenta e gradual.

Referências

- ABU-LUGHOD, Lila. 1993. *Writing women's worlds: Bedouin stories*. Califórnia: University of California Press.
- BAILEY, Frederick George. 1983. *The tactical uses of passions*. Ithaca/London: Cornell University Press.
- BRAH, Avtar. 2006. “Diferença, Diversidade, Diferenciação”. *Cadernos Pagu*, 26:329-376.
- BUTLER, Judith. 2008. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Londres/ Nova York: Routledge.
- _____. 1993. *Bodies that matter: on the discursive limits of “sex”*. Nova York: Routledge.
- CHO, Grace M. 2008. *Haunting the Korea Diaspora: shame, secrecy and the forgotten war*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- CLIFFORD, James. 2000. “Culturas Viajantes”. In: A. Arantes, *O espaço da diferença*. Campinas: Papirus. pp. 50-79.
- COELHO, Maria Claudia. 2006. *O Valor das Intenções: dádivas, emoção e identidade*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- _____. 2010. “Narrativas da violência a dinâmica micropolítica das emoções”. *Mana*, 16(2):265-285.
- DAS, Venna. 2007. *Life and Words: violence and the descent into the ordinary*. Berkeley: University of California Press.
- _____. 2010. “Engaging the life of the other: love and everyday life”. In: M. Lambek, *Ordinary Ethics: anthropology, language, and action*. New York: Fordham University Press. pp. 376-399.
- _____. 2012. “Ordinary ethics”. In: D. Fassin (org.), *A companion to moral anthropology*. Oxford: Wiley-Blackwell. pp. 133-149.
- FASSIN, Didier. 2012. “Toward a critical moral anthropology”. In: _____. (org.), *A companion to moral anthropology*. Oxford: Wiley-Blackwell. pp. 1-18.
- FAUBIAN, James D. 2012. “Foucault and the genealogy of ethics”. In: D. Fassin (org.), *A companion to moral anthropology*. Oxford: Wiley-Blackwell. pp. 67-84.

- FERNANDES, Camila. 2013. "Apego e Jeitos de Cuidar. Afetos, trabalho e gênero na experiência do cuidado de crianças". In: *VII Congresso Latino-Americano de Estudos do Trabalho*, São Paulo.
- _____. 2017. "Tempos e território de gênero: uma batalha entre o 'tempo para mim' e o 'tempo de correr atrás'". In: M. E. Díaz-Benítez & E. Rangel, *Governo, Desejo, Afeto: discutindo gramáticas de gênero*. (No prelo).
- FOUCAULT, Michel. 1977. *Vigiar e Punir. O nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes.
- _____. 1982. "The subject and Power". *Critical Inquiry*, 8(4):777-795.
- _____. 2007. *História da sexualidade. A vontade de saber*. São Paulo: Graal.
- _____. 2012. *História da sexualidade 2. O uso dos prazeres*. São Paulo: Graal.
- LAILAW, James. 2002. "For an anthropology of ethics and freedom". *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 8(2).
- LAMBEK, Michael. 2010. "Toward an ethics of the act". In: _____, *Ordinary Ethics: anthropology, language, and action*. New York: Fordham University Press. pp. 39-63.
- LOWENKRON, Laura. 2015. "Corpos em trânsito e o trânsito dos corpos: a desconstrução do tráfico de pessoas em investigações da Polícia Federal". In: *XI Reunião de Antropologia do MERCOSUL*, Montevideu.
- LUTZ, Catharine. 1996. "Engendered emotion: gender, power, and the rhetoric of emotion control in american discourse". In: R. Harré & W. G. Parrott, *The emotions: social, cultural and biological dimensions*. Londres: Sage Publications.
- LUTZ, Catharine; ABU-LUGHOD, Lila. 2008. "Introduction: emotion, discourse, and the politics of everyday life". In: _____. (org.), *Language and the politic emotion*. New York: Cambridge University Press. pp. 1-23.
- MAHMOOD, Saba. 2005. *Politics of Piety. The Islamic revival and the feminist subject*. Princeton: Princeton University.
- _____. 2006. "Teoria Feminista, Agência e Sujeito Liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito". *Etnográfica*, 10(1):121-158.
- MARCUS, George. 1988. *Ethnography through thick and thin*. Princeton: Princeton University Press.
- MAUSS, Marcel. 1974. "Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas". In: _____, *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Edusp. pp. 37-184. v. 1.
- MCCLINTOCK, Anne. 2010. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. São Paulo: Editora Unicamp.
- PISCITELLI, Adriana. 2007. "Corporalidade em Confronto: brasileiras na indústria do sexo na Espanha". *RBCS*, 22(64):17-32.
- _____. 2008. "Interseccionalidades, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras". *Sociedade e Cultura*, 11(2):263-274.

- PISCITELLI, Adriana; ASSIS, Glaucia de Oliveira; OLIVER, José Miguel Nieto. 2011. *Gênero, sexo, afetos e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo Brasil*. São Paulo: Unicamp/Pagu.
- RANGEL, Everton. 2015. *Brazilian Dancers: a travessia dos corpos em um circo norte-americano*. Dissertação de Mestrado. PPGAS, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. 2010. *Antropologia das Emoções*. Rio de Janeiro: Ed. FGV.
- ROSALDO, Renato. 1993. "Introduction: Grief and Headhunter's Rage". In: _____, *Culture and Truth: the remaking of social analysis*. Boston: Beacon Press.
- STRATHERN, Marilyn. 2014. "Os limites da autoantropologia". In: _____, *O efeito etnográfico*. São Paulo: Cosac Naify. pp. 133-158.
- VELHO, Gilberto. 1981. "Observando o familiar". In: _____, *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 123-132.
- _____. 1986. "Unidade e fragmentação em sociedades complexas". In: _____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar. pp. 11-30.
- VIANNA, Adriana. 2005. "Direitos, moralidades e desigualdades: considerações a partir de processos de guarda de crianças". In: R. K. de Lima, *Antropologia e Direitos Humanos 3*. Niterói: EdUFF.
- _____. 2011. "A guerra das mães: dor e política em situações de violência institucional". *Cadernos Pagu*, 37:79-116.
- _____. 2012. "Atos, sujeitos e enunciados dissonantes: algumas notas sobre a construção dos direitos sexuais". In: R. Miskolci & L. Pelúcio (orgs.), *Discursos fora da ordem: sexualidades, saberes e direitos*. São Paulo: AnnaBlume. pp. 227-244.
- ZELIZER, Viviana. 2011. *A Negociação da Intimidade*. Petrópolis: Vozes.

Recebido em 31 out. 2015.

Aceito em 05 out. 2016.